



CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROJETO *O REGIONAL COMO QUESTÃO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA*

Milena Magalhães

O projeto *O regional como questão na literatura brasileira contemporânea* foi criado em 2009 e é o “guarda-chuva” dos projetos do GEPCEC – Grupo de Pesquisa em Poética Brasileira Contemporânea. Iniciamos com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica, o PIBIC¹. Em seguida, foi elaborado o projeto para o Edital MCT/CNPq/MEC/CAPES n. 02/2010 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas, o que nos permitiu comprar material bibliográfico e equipamento eletrônico e que ainda está em vigência.

As nossas produções buscam ter relação com o projeto, como a mesa-redonda de título homônimo ao projeto e o minicurso “Literatura e regionalismo: um problema para a crítica contemporânea” que eu e as professoras Rosana Nunes Alencar e Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari oferecemos no II EEL - Encontro de Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul, de 14 a 16 de abril de 2011.

Em linhas gerais, o projeto problematiza, na literatura, o conceito de regional. Ou regionalismo literário. A ideia inicial consistia em fazer com que o conceito e outros correlatos fossem um objeto de análise, e não de confinamento a estudos que priorizassem tão-somente aquilo que é próprio de um lugar. Assim, no projeto, a partir do estudo da obra de escritores contemporâneos, a intenção era avaliar a noção de “próprio”. Nos estudos literários, é o próprio de uma região que deve ser priorizado? Ou é a noção de próprio que deve, antes, ser problematizada? Concebemos nossa pesquisa buscando dar respostas a questões desse tipo.

¹ As bolsistas dos dois primeiros anos de iniciação científica foram as acadêmicas Dinalva Barbosa da Silva e Arlete Catarina de Lima Cardoso.

Tinha-se como hipótese, desde o princípio, de que um dos problemas na origem do conceito de literatura regional reside no fato de, geralmente, este se contrapor à ideia de universalidade. Desse modo, não se trata apenas de estudar a obra de autores, mas, sim, de questionar as razões por que o conceito de regional é geralmente visto como problemático quando se refere a obras literárias.

O propósito não era se enclausurar em uma via de mão única, o que contribuiria para alicerçar oposições binárias que, muitas vezes, se mostram inconsistentes: regional/universal; nacional/estrangeiro; identidade/alteridade. Isto é, não queríamos de pronto já desqualificar, sejam as obras, seja o conceito em si. Por outro lado, uma das preocupações consistia em não tratar os textos de ficção que servem de sustentação para o projeto como *exemplares* de determinada tese, ou seja, como modelos de regionalismo literário, e sim como espaços de linguagem que podem questionar tais modelos. Não era, pois, a *defesa* – nem a *condenação* – de uma literatura brasileira própria; antes de qualquer coisa, consiste no estudo da produção literária contemporânea, tendo, de certo modo, essa problemática como horizonte.

Um exemplo: o trabalho **As mini-histórias estranhas em redes internas secretas de Joca Reiners Terron²**, no XII Congresso Internacional da Abralic, em junho de 2011. Depois do período de dois anos, reelaboramos o projeto para concorrer ao PIBIC mais uma vez. As alunas contempladas foram Carla Piovezan da Silva e Cristiane Kelly

² O resumo do trabalho apresentado: “Esquecer é uma função da memória tão importante quanto recordar” é uma das muitas frases perturbadoras de *Curva de rio sujo*, de Joca Reiners Terron, escritor cuja obra, composta de muitos gêneros, margeia temas caros à interpretação do contemporâneo, como a impossibilidade da descrição objetiva dos acontecimentos, o lugar incômodo do escritor, a estranheiridade não apenas territorial etc. Levando em consideração o que autores como Walter Benjamin e Jacques Derrida dissertam sobre o estatuto da memória, esta comunicação interroga o modo como o movimento de esquecer/ recordar perturba até mesmo a linearidade das pequenas narrativas de *Curva de rio sujo*. Diversos vocábulos funcionam como sinônimo da impermanência, do apagamento da memória: manchas, fumaça, sombra, poeira, rastro. Toda paisagem que surge é, assim, envolta em uma espécie de neblina, que, como é dito no último texto, talvez não exista, no sentido de que a beleza, num tempo precário como o nosso, não pode perdurar, é quase um inconveniente, como o lirismo que por vezes rastreia as narrativas. Em *Paixões*, Derrida confessa que uma das razões do seu gosto pela literatura deve-se ao fato de ela ser o “lugar do segredo absoluto”, lembrando que a literatura, tal qual a concebemos, é regida por convenções e instituições que lhe deram o “direito de tudo dizer”, e, embora tenha esse direito, é o lugar em que tudo se diz sem a responsabilidade, a obrigação, de tudo dizer. O livro de Terron é um exemplo desconcertante dessa especificidade da literatura.



Schmitka. Assim, o projeto **Traços de regionalidade na literatura brasileira** é um desdobramento do projeto *O regional como questão na literatura brasileira contemporânea* que corresponde a sua segunda etapa. O objetivo geral continuava sendo problematizar, por intermédio de estudos da sua gênese, o conceito de regionalismo mediante a identificação de traços de regionalidade na produção literária brasileira contemporânea. Porém, os pontos de partida nos parecem mais amadurecido, pois a noção de traços já infere uma certa aceitação da presença. Mais especificamente, analisam-se as obras de Joca Reiners Terron, Milton Hatoum e Ronaldo Correia de Brito, escritores que fazem um tratamento distinto com os traços de regionalidade.

Quanto ao conceito de regionalismo literário, não se trata, exatamente, de falha na formulação, mas de algo que, aparentemente inerente ao conceito, está sujeito a inflexões, conotações, que tendem a criar movimentos ora de repulsa ora de empatia, que, longe de solucionar o mal-estar, gera desentendimentos, polêmicas, numa espécie de acréscimo à concepção inicial.

Apesar do caráter polêmico, o movimento é cíclico. Desde o seu surgimento, que coincide com o da ideia de literatura genuinamente nacional, é um assunto que retorna constantemente. Algo como o retorno do recalcado. Pode-se mesmo dizer que qualquer crítico hoje que almeje tratar de literatura contemporânea não tem como desconsiderar a questão do regional. Dois fatores, relacionados entre si, são responsáveis por essa situação: i) o advento da Internet, que modificou radicalmente a cena da literatura, sobretudo na última década; e ii) o surgimento de muitos escritores que, distantes do eixo Rio-São Paulo, adotam como locus sua “região”. Não é preciso muito esforço para citar alguns deles: Milton Hatoum, Manoel de Barros, Ronaldo Correia de Brito, Cristovão Tezza, entre outros.

Sob a ilusão de que deve deter-se tão-somente sobre aspectos internos à obra, ter que avaliar questões de ordem histórico-social é uma das primeiras dificuldades da crítica. Como sair do costumeiro sem incorrer, ela mesma, no pitoresco, no lugar-comum? A crítica habituada a não se desfazer, na literatura, da divisão em regiões que formam o



Brasil, ao escrever sobre Milton Hatoum ou Manoel de Barros (e estes não são apenas exemplos, entre outros), não perdem a oportunidade de destacar o aspecto “curioso” de eles serem escritores de regiões “afastadas”.

A “presença do elemento local” sempre foi um dos definidores do conceito de literatura regional, como se, por si sós, “presença” e “elemento local” se autodefinissem sem a necessidade de explicação. E não é bem assim. Falando do modo mais elementar, literatura não é documento. Qualquer que seja a aproximação com o real, um texto que se autonomeie literatura não deve ser tratado como documentário sobre uma região. Ele não restitui “a presença do elemento local” sem transfigurar o sentido de “presença”, sem garantir, avizinhandose do discurso filosófico, que a presença seja trespassada por aquilo que não está presente.

Abordar o regional como “questão”, sem escamotear seus impasses, abre a possibilidade de tratá-lo sem os estigmas que lhe dão a impressão de um conceito fora de moda. Todo escritor contemporâneo, ao ser questionado sobre uma possível filiação ao regional, nega-a veementemente, como se, caso confirmasse, estivesse sob sério risco de aprisionar-se numa espécie de clausura intransponível. Isso se dá, sobretudo, devido aos sentidos culturais que revestem o termo. Esses sentidos se sustentam, em geral, sob oposições binárias. Um dos modos, ou das razões, de constituição do conceito de regional é a contraposição à ideia de universal. No entanto, essas oposições são cada vez mais inconsistentes. Regional/universal, nacional/estrangeiro, identidade/alteridade, não funcionam mais no atual estado das coisas.

Devido à carga semântica que o termo carrega, o fato de o escritor ser identificado com o regional já gera um problema *a priori*, uma vez que a identificação contraria o movimento que o aproxima da palavra desejada por qualquer autor: a palavra “universal”. Subsiste a visão de que ambas são antônimas, inconciliáveis, sendo que uma tem a carga positiva, e a outra, a indesejada, a carga negativa.

Sob esse prisma, uma obra, se vista como regional, para garantir o status de valor, deveria furar o bloqueio. Ou seja, para ganhar a posição de universal deveria deixar de ser regional. É comum que escritores como Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Érico Veríssimo sejam lidos desse modo. Para garantir-lhes um lugar de destaque na literatura brasileira, afirma-se, de variados modos, que eles ultrapassaram a fronteira, saindo das delimitações que suas obras porventura criaram. Poucos percebem, no entanto, que as suas obras não mudaram, e sim o modo como nos relacionamos com elas. Não se trata, pois, de uma mudança artística de rumo.

Arrisco a dizer que há, então, certa morosidade da crítica na atualização do conceito de regional, embora haja trabalhos interessantes neste sentido (cf. CHIAPPINI, Lígia. *Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura*. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995: 153-159). Um autor não sai do regional para entrar no universal, simplesmente porque não se trata de lugares opostos.

O aparecimento de autores como os citados anteriormente – a relembrar: Milton Hatoum, Manoel de Barros, Joca Reiners Terron, Ronaldo Correia de Brito, entre outros –, e o modo como a crítica os trata, demonstra que seria preciso estar atento a essas nuances para uma interpretação mais justa acerca de suas obras, que não devem necessariamente ser lidas como *exemplares* de determinada tese, ou seja, como modelos de regionalismo literário. Porém, também se constitui em falsidade crítica os discursos que escamoteiam as relações estilísticas que alguns desses escritores mantêm com seu lócus, a ponto de fazer dele a matéria-prima de seus textos.

A facilidade com que se afirmam ou se negam traços regionais em um autor deixa transparecer uma frouxidão nos critérios que norteiam o termo. Essa indecisão se mostra desde o gesto que decide quem “pode” ou “deve” ser chamado de escritor regional. Boa parte da crítica relaciona à literatura regional o escritor que nasce em regiões que possuem representações culturais distintas daquelas encontradas em São Paulo e Rio de Janeiro. No Brasil, quem não nasce nesses Estados pode facilmente ser chamado de regionalista. Uma obra nem precisa acentuar traços da memória e da história locais para

“correr o risco” de ser nomeada pelo tão indesejado epíteto por alguma crítica renomada ou simplesmente em resenhas apressadas que circulam nos suplementos literários e na Internet. É a repetição do lugar-comum que de tanto ser proferido ganhou estatuto de verdade.

Um estudo sobre o regional demanda, assim, uma série de questionamentos, e esta é uma das mais incômodas e inapreensíveis: por que apenas obras produzidas nas áreas “periféricas” são tratadas como regionais? Essa questão está longe de ser nova, entretanto ganha novo sentido ao confrontar-se com algumas das diretrizes atuais dos estudos literários que, impulsionados pelos estudos culturais, passaram a se interessar pelo que estava à margem, em última instância, chegando mesmo a invalidar distinções como centro/margem, centro/periférico, fazendo crer que tais localizações não mais se sustentam na nova ordem.

Se, por um lado, isso foi um avanço incomensurável no que diz respeito ao tratamento dado a algumas culturas (o crescente interesse pela literatura africana no Brasil é talvez o aspecto mais visível desse “fenômeno”), por outro, pode ocasionar tão-somente a tipificação de uma cultura que, antes, não era percebida como fonte de interesse. Não é raro que escritores como Milton Hatoum e Manoel de Barros, talvez os dois maiores expoentes da questão discutida aqui, sejam tratados como exemplares “pitorescos”, “típicos”, da Amazônia e do Pantanal brasileiros. Schøllhammer aponta esta razão para o interesse por Hatoum: “Uma explicação para a popularidade da literatura de Hatoum encontra-se na convergência entre um certo regionalismo sem exageros folclóricos e o interesse culturalista na diversidade brasileira que, nas últimas décadas, substituiu a temática nacional” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 87). O que era para se caracterizar como uma dissolução de fronteiras acaba sendo um fator a mais de alargamento, na medida em que essa cultura agora estudada continua sendo vista como diferente, excêntrica, exótica.

As discussões sobre a existência ou não de uma literatura regional exigem a inserção, portanto, de questões que não são propriamente literárias. É preciso avaliar que as

extensões geográficas, as culturas específicas, o atraso ou o avanço econômico, as diferenças linguísticas, proferidas no plural, apontam a divisão do Brasil em muitos.

Para compreender as delimitações de um conceito, é preciso levar em conta a sua constituição. No Brasil, não foram outros senão os principais críticos brasileiros que lançaram as bases do conceito de regional. E desde Antonio Candido, o regionalismo literário deriva da “*determinação da paisagem*”, da “*celebração nativista*”, enfim, do “*senso da terra*” que se consolidou a partir da literatura feita no Nordeste, este mesmo um conceito “*inventado*” (CANDIDO, 2007). É verdade que, no referido texto, ele não faz mais do que expressar as ideias do escritor Franklin Távora, mas o fato de apropriar-se de suas palavras ao tratar do regional faz surgir uma série de preceitos que formam o arcabouço do conceito, como é o caso da ligação atávica da “*região*” com a “*realidade*”, que perdura até hoje, embora seja ele mesmo a dizer que se trata de um realismo idealizado. Já ouvimos, assim, os ecos do “*pitoresco*”, do “*patriotismo*”, dos “*costumes locais*”.

Vem daí a impressão de que somente a superação da gênese do regionalismo pode auferir valor à obra de um escritor, seja ele um desconhecido ou um Graciliano Ramos, em quem Candido reconhece uma “*alta expressão*” do regional (“*sem vertigem da distância, sem torneios nem duelos, sem cavalcadas nem vaquejadas, sem o centaurismo que marca os outros*”; p. 159). O texto em que faz essas afirmações é um verdadeiro libelo contra o regionalismo, ligando o conceito, irremediavelmente, à questão do “*retardo*”, do “*subdesenvolvimento*” (CANDIDO, 2000, p. 141-162). Na tentativa de escapar do que ele mesmo coloca como dado – o fato de ainda haver muitas manifestações do regional –, o crítico fala em transformação e superação, renomeando-o de super-regionalismo, tendo como exemplar, inicialmente, Guimarães Rosa e, mais adiante, outros nomes que, reconhece, fazem “*uma espécie nova de literatura, que ainda se articula de modo transfigurador com o próprio material daquilo que foi um dia o nativismo*” (idem, p. 162). Cada linha do texto de Candido é a exposição de um impasse. Com sua lucidez costumeira, ele não quer corroborar o que, para ele, seria um “*erro*”: “*um anátema indiscriminado contra a ficção regionalista, pelo menos antes de*

estabelecer algumas distinções...” (CANDIDO, 2000, p. 157). Essa indecisão é repetida por quase todo crítico que trata do regional, como se um conceito não pudesse movimentar-se, adquirindo novas conotações que lhe garantissem a sua permanência. Aparentemente, isso ocorre devido aos qualificativos que constituem a definição do conceito, mas arrisco a dizer que o que causa sua impropriedade é a falta. Falta-lhe a ligação com a ideia de universalidade. Ignora-se, por exemplo, que a “universalidade” pode vir justamente devido ao “pitoresco”, ao “exotismo” ou, se retirarmos a carga negativa, ao tratamento diferenciado do lugar.

A visão historicista que fundamenta o conceito de regionalismo faz com que este seja ligado a um sem-fim de nomes inexpressivos. A face mais visível do realismo é Machado de Assis, a ficção modernista inicial tem a feição de Mario e Oswald de Andrade, o concretismo são os irmãos Campos e Décio Pignatari. O regionalismo, na sua acepção primeira, não tem rosto expressivo. É totalmente desfigurado. E essa desfiguração passa por uma lista infindável de nomes insignificantes, que, na melhor das hipóteses, possuem questionável valor documental.

Alfredo Bosi não trata de modo diferente a questão. São pomposos os qualificativos que acompanham o termo: “o alto regionalismo crítico de Graciliano Ramos”, “a experiência estética universal do regionalista Guimarães Rosa”, todos remetendo à experiência particular de autores consagrados. O regionalismo, por si só, é uma massa amorfa de autores desconhecidos, empenhados na “*fidelidade ao meio a descrever*”, na “pesquisa do folclore”, na “linguagem do interior” (BOSI, 2004, p. 207).

O gesto de Afrânio Coutinho, ao tratar da questão, não é muito diferente do de Candido e Bosi. Nele fica explícita a carga semântica negativa que dá forma ao conceito, deformando-o de modo irreversível (COUTINHO, 1986, p. 235). A deformação dá-se pelos aspectos já aludidos anteriormente: a significação do espaço relaciona-se a lugares historicamente subdesenvolvidos. Forma-se a imagem de ambientes atrasados onde vivem homens que não sabem agir senão segundo seus instintos. As palavras não estão ditas dessa forma, mas é o que de imediato surge no imaginário: o sertanejo bruto em

luta com a natureza e com seus semelhantes; ambos indomáveis. É a carga da dependência entre o homem e o meio, aproximando-se perigosamente das ideias deterministas, ainda com a vinculação ao viés nacionalista formador da nossa literatura.

No encalço da formação do conceito, Ligia Chiappini, no artigo já citado, constrói suas dez teses sobre o regionalismo literário. Elencando as visões mais correntes acerca do termo, ela busca desmistificá-las sem, no entanto, deixar de incorrer em alguns desses mitos (nada garante que aqui não seja feito o mesmo). O problema consiste, mais uma vez, no fato de que, ao ser constituído, o conceito estava relacionado a obras consideradas de valor *menor*. Como já dito, pela razão inversa, alguns movimentos garantem até hoje enorme prestígio, enquanto outros, como o aqui estudado, sofrem preconceitos. É como se houvesse a constante necessidade de justificação, de modo a dizer que a casa é boa, apesar do alicerce frágil que a sustenta.

Schøllhammer, no tópico “Um novo regionalismo?”, assim sintetiza o cenário: “em algumas obras atuais, a questão regional abre mão do interesse pelos costumes, pela tradição e pelas características etnográficas para se tornar um palco da tensão entre campo e cidade, entre a herança rural e o futuro apocalíptico das grandes metrópoles” (SCHØLLHAMMER, 2009: 78). E, ao fazê-lo, aponta como exemplo um escritor que normalmente não vemos referido como regional, Luiz Ruffato, pois lhe interessa relacionar a problemática do regional à literatura urbana marcada por certa preocupação social. O espaço ex-cêntrico, aqui, seria qualquer um marcado pelos embates dos sujeitos extraviados nas grandes cidades, seja do Norte, Nordeste, Sul ou Sudeste do país. A “correlação com o ambiente imediato”, destituído da tipicidade, do pitoresco, não seria direta. Se atribuíssemos ao conceito uma espécie de grau zero, já não poderíamos fazer esta afirmação a partir de uma vasta lista de escritores que tratam a ambientação como que uma espécie de protagonista? Para que serve o nordeste de Graciliano Ramos senão para expor as vísceras dos sujeitos ali inseridos? Ou o Rio de Janeiro de Machado de Assis? Ou a Curitiba de Cristovão Tezza? Renegando a cor local, essas literaturas, como construto linguístico, estão pouco interessadas no “retrato do homem” a partir da sua “linguagem”, da “paisagem” e das “riquezas culturais de

uma região particular”. O que há de particular não é a descrição dos lugares, mas o modo como os seres por ali transitam, sem que se possa negar que há, sim, um tratamento distinto do local.

Por outro lado, a posição de Schøllhammer, em parte, ajuda a solucionar o desnivelamento atribuído à região com o sentido de lugar distante dos grandes centros. Seria então possível pensar que as noções de ambiente, meio, lugar, local, região, imprescindíveis para a construção do conceito de regional, podem contaminar-se de outros sentidos. Ou, ainda, os próprios sentidos desses termos em outras disciplinas podem auxiliar na atualização do conceito de regional nos estudos literários. E a inserção da cidade como “espaço” da regionalidade, apesar do risco de relativização, é um dos primeiros passos para suspender a relação atraso = campo/ avanço = cidade, que cria outra: literatura regional = retardo/ literatura urbana = cosmopolitismo. Evidentemente, esse é um trabalho que apenas principia, com resultados ainda incertos, mas que pode auxiliar na leitura da obra de um escritor como Milton Hatoum, que é, ao mesmo tempo, urbana e regional, dada a proximidade de Manaus com a mítica – para os que não habitam lá – Amazônia. Como já destacado aqui, ele é uma das razões, talvez a mais espalhafatosa, da *febre* regionalista que assola não somente os bancos universitários da região Norte, os quais, sedentos por um escritor representativo, elegeram-no, nos últimos anos, como objeto de estudo primevo, mas também as grandes Universidades brasileiras, entre outras instituições. O problema é que uma *febre* sempre tende a embotar os sentidos.

A estudiosa Tânia Pellegrini atribui a esse escritor um “regionalismo revisitado”, muito em razão da junção cidade/campo (PELLEGRINI, 2004, p. 121-138):

Esse regionalismo revisitado de Hatoum consiste, portanto, numa mescla de elementos que brotam de todos os matizes de uma matéria dada por uma região específica, com outros advindos de matrizes narrativas de inspiração européia e urbana, formadoras da nossa literatura (...). Com isso o autor revitaliza o gênero, num momento da ficção brasileira em

que ele parecia aos poucos estar se esgotando.

A maior parte das leituras acerca desse autor oscila entre a afirmação e a negativa relativizadas dos traços regionalistas. Os sentidos atribuídos à ficção regional ganham acréscimos, sempre no ensejo de neutralizá-los em razão do distanciamento da ideia de universalidade. Não há um movimento de pensar a não-oposição imediata entre as duas concepções. Isso cria interpretações, diríamos, quase esquizofrênicas, sobretudo em relação a Hatoum, pois, a cada novo livro, sua literatura adentra mais nas particularidades de Manaus, circundando os locais vizinhos, o que se faz evidente, inclusive, na composição linguística de suas narrativas. Se isso é menos verdade no seu primeiro romance – *Relato de um certo oriente* –, torna-se irrefutável nos posteriores, como em *Cinzas do Norte*, em que o tema da passagem atravessa Manaus e um palacete denominado Vila Amazônia, cravado em Parintins, interior da região Amazônica, para a partir daí abrir-se para o mundo (Rio de Janeiro, Londres, Berlim). O espaço não é mero elemento na narrativa, e está muito bem situado, delimitado, com suas especificidades e organização próprias. Não é possível acatar apenas o segundo termo das oposições local/universal, particular/geral ou, mesmo, nacional/estrangeiro, suscitados pelo próprio romance com complexidade suficiente para embaralhar essas categorias. Seria mais justo, portanto, reconhecer nessa literatura um tratamento diferenciado com o espaço, sem medo de especificar que este encontra correlação numa região empiricamente conhecida. Como deveria ocorrer com qualquer outro conceito, é preciso incorporar os acréscimos feitos no decorrer do tempo, sem que para isso seja preciso criar novas categorias como “super regionalismo”, “regionalismo revisitado”, etc.. Se regionalismo não dá conta – como todo conceito, aliás – de caracterizar uma obra, menos ainda a sua inflação inapropriada, que busca servir a interesses próprios de quem os cria.

Assim como é o caso dos autores citados, toda análise deveria considerar que em uma categoria habitam, coexistem, outras categorias, sem que possamos defini-las de antemão. A expressão “ficção regional” nunca deveria ser proferida genericamente, e sim a partir do estudo de cada caso rigorosamente analisado. Isto é, não se trata de



utilizar qualificativos que modelam a visão de determinada obra de maneira geral. O maior problema de tal prática é a interdição da diferença. Como num molde, a repetição *cria* a visão da obra, essencializando-a.

Referências

BAUMAN, Zygmund. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BOSI, Alfredo. O regionalismo como programa. In: _____. **História concisa da literatura brasileira**. 41ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRITO, Ronaldo Correia de. **Livro dos homens**. São Paulo: Cosacnaify, 2005.

_____. **Galiléia**. São Paulo: Alfaguara 2008.

CANDIDO, Antonio. O regionalismo como programa e critério estético: Franklin Távora. Em: **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: **Educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 2000.

CHIAPPINI, Lígia. **Regionalismo e modernismo**. São Paulo: Ática, 1978. (Ensaio, 32).

_____. **Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995. p. 153-159.

COUTINHO, Afrânio. **O processo da descolonização literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. (Vera Cruz: Literatura Brasileira, 335).

HATOUM, Milton. **Relato de um certo oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **A cidade ilhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. Coluna Norte. In: **Revista Entrelivros**, ano I, n. 1, 6, 9, 10.

PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. Em: **Luso-Brazilian Review**, Volume 41, n. 1, 2004.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TERRON, Joca Reiners. **Curva de rio sujo**. São Paulo: Editora Planeta azul, 2003.